

As categorias aristotélicas como estruturas de Organização do Conhecimento de obras xilográficas

Viviane Faria Machado

Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) – Brasil. Bibliotecária da Faculdade Evangélica Mackenzie do Paraná (FEMPAR) - Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/1104810364842145>

E-mail: vfmacfar@yahoo.com.br

Ana Cristina de Albuquerque

Doutora em Ciência da Informação pelo Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) – SP - Brasil. Professora da Universidade Estadual de Londrina (UEL) - Londrina, PR – Brasil.

<http://lattes.cnpq.br/4752632781155101>

<https://orcid.org/0000-0003-4194-8554>

E-mail: albuanati@uel.br

Data de submissão: 11/11/2019. Data de aceite: 08/12/2020. Data de publicação: 10/12/2021.

RESUMO

Traz reflexão para estabelecer categorias fundamentais que possam estruturar e sistematizar os elementos característicos das obras xilográficas, pensando em um processo capaz de auxiliar no processo de organização do conhecimento. Como procedimento metodológico, optou-se pela Análise de Conteúdo, com abordagem qualitativa, a qual permitiu elaborar todo o processo constitutivo da pesquisa. A investigação evidenciou os elementos temáticos das xilogravuras, relacionando-os com a sistematização categórica correspondente às dez categorias aristotélicas, possibilitando o estabelecimento de uma esquematização ordenada dos termos que englobam alguns elementos dos procedimentos da técnica xilográfica. Assim, a pesquisa contribui para um ponto de discussão que pode enriquecer o debate teórico e aplicado quanto aos processos de organização do conhecimento e, em especial, para a possibilidade de padronização nas formas de organizar e representar estes documentos.

Palavras-chave: Organização do conhecimento. Processo de categorização. Xilogravura. Categorias aristotélicas.

The aristoteic categories as Knowledge Organization structures of xilographic works

ABSTRACT

The study intends to bring a reflection on establishing fundamental categories that can structure and systematize the characteristic elements of xylographic works thinking about a process able to assist in organizing the information to be retrieved. As a methodological procedure, the Content Analysis was chosen, with a qualitative approach, to which it was possible to structure the entire constitutive process of the research. The research evidenced the thematic elements of the woodcuts relating them to the categorical systematization corresponding to the ten Aristotelian categories, making possible the establishment of an ordered schematization of the terms I encompass some the procedures of the xylographic technique. Thus, the research contributes to a point of discussion that can enrich the theoretical and applied debate regarding the Knowledge Organization processes and, in particular, for the possibility of standardization in the ways of organizing and representing these documents.

Keywords: Knowledge Organization. Categorization Process. Woodcut. Aristotelian categories.

Las categorías aristotélicas como estructuras de Organización del Conocimiento de obras xilográficas

RESUMEN

El estudio tiene la intención de traer una reflexión sobre el establecimiento de categorías fundamentales que puedan estructurar y sistematizar los elementos característicos de los grabados en madera pensando en un proceso capaz de ayudar a organizar la información que se va a recuperar. El procedimiento metodológico fue el Análisis de Contenido, con un enfoque cualitativo, que permitió estructurar todo el proceso constitutivo de la investigación. La investigación evidenció los elementos temáticos de los grabados en madera al relacionarlos con la sistematización categórica correspondiente a las diez categorías aristotélicas, permitiendo el establecimiento de una esquematización ordenada de los términos que abarcan algunos procedimientos de la técnica de grabado en madera. Por lo tanto, la investigación contribuye a un punto de discusión que puede enriquecer el debate teórico y aplicado sobre los procesos de Organización del Conocimiento y, en particular, la posibilidad de estandarización en las formas de organizar y representar estos documentos.

Palabra clave: Organización del conocimiento. Proceso de categorización. Xilografía. Categorías aristotélicas.

INTRODUÇÃO

A Organização do Conhecimento (OC) é um campo de estudos que investiga os fundamentos teóricos e metodológicos para organizar e representar os processos do conhecimento em determinada comunidade de domínio. Conforme destacam Brascher e Café (2008, p. 6), a OC “[...] visa à construção de modelos de mundo que se constituem em abstrações da realidade”, sendo estes “modelos de mundo” representados por conceitos. Assim, os Sistemas de Organização do Conhecimento (SOCs) são mecanismos elaborados para estruturar e promover o conhecimento e abrangem múltiplas formas de procedimentos organizacionais, como: esquemas de classificação e categorização; taxonomias; tesouros; ontologias e redes semânticas. O contexto analisado interfere na agregação e divisão de categorias, pois as áreas de domínio podem estudar os mesmos fenômenos e definir uma entidade de modo similar, mas conceituam de forma distinta. Jacob (2004) chama atenção para as informações que dependem do contexto, portanto, são relevantes para determinado contexto, e as informações que são independentes do contexto, ou seja, as informações que têm relevância significante entre vários domínios.

Nesse sentido, o processo de categorização é uma forma de organizar as estruturas mentais e sistemas informacionais que pode ser considerado como o modo de “[...] dividir o mundo em grupos de entidades onde os membros são de algum modo similares uns aos outros” (JACOB, 2004, p. 518). Complementa-se que as semelhanças entre as entidades se relacionam de acordo com uma ordenação sistematizada entre as categorias e possibilitam ao indivíduo estabelecer ordem em seu ambiente contextual. O processo de categorização tem como princípio a organização de conceitos, visto que são formas para separar entidades em grupos conforme as suas características similares (HODGE, 2000). Sendo as categorias distinguidas como metaconceitos, compreendem-se como uma estrutura de âmbito temático de maior dimensão, que englobará elementos menores, criando uma relação de macroestrutura temática para o arranjo de esquemas hierárquicos, ou, até, formas mais complexas de organização.

Diante do exposto, convém perceber que, assim como os textos, os recursos imagéticos precisam de um tratamento informacional, pois são documentos passíveis de análise temática e descritiva. Os recursos imagéticos contêm informações e possuem formas e conteúdos significativos para a apreensão do conhecimento. Dentro do escopo documental, existem variados tipos de imagens, e o interesse deste estudo está balizado nas xilogravuras. Assim, como explicam Maimone e Tálamo (2008, p. 6): “[...] uma imagem [...] como qualquer outro documento, é fonte de informação, ou seja, contém informações passíveis de tratamento, organização e representação de maneira que possibilitem seu acesso e recuperação”.

Assim, a questão norteadora do presente trabalho é: quais são as macroestruturas categoriais aplicáveis aos elementos característicos das xilogravuras? A partir daí, considera-se a existência de um conjunto de possibilidades advindas dos recursos usados para a produção dessa obra, tais como autoria, técnica, período de produção, entre outros. Como etapas da pesquisa, o objetivo geral propõe compreender os processos teórico-metodológicos das categorias passando por sua origem e definição e estabelecer categorias fundamentais, baseadas nas categorias aristotélicas, que possam estruturar e sistematizar os elementos característicos das obras xilográficas, pensando em um processo capaz de auxiliar o processo de organização e representação do conhecimento.

A metodologia da pesquisa foi de caráter exploratório, o delineamento de cunho documental com abordagem qualitativa. Como procedimento de análise, adota-se a Análise de Conteúdo de Bardin (2004). Foram examinadas as fontes bibliográficas para realização da coleta de dados, fazendo um levantamento das publicações referentes à literatura especializada em xilogravuras. Para compor o escopo documental, selecionaram-se as fontes relevantes que contemplaram informações respectivas aos detalhamentos técnicos de produção, aos procedimentos de impressão, ao levantamento histórico e outros tipos de considerações, como os artistas e os tipos de imagens.

A extração dos elementos temáticos consistiu na operação de identificação, seleção e coleta das unidades lexicais com suas devidas significações. Para auxiliar na compilação dos elementos temáticos, as bases fundamentais foram as orientações para a construção de tesouros, conforme expostas por Cervantes (2009), sendo que os fatores elencados foram em relação ao método de compilação e ao registro dos termos (critérios a serem seguidos).

A interpretação dos dados se deu com a descrição das características elementares que compõem as obras xilográficas. De acordo com a coleta, foram identificados e relacionados os elementos com dez assuntos principais, sendo: técnicas de impressão; processo de gravação; processo de impressão; estilo de gravura; instrumentos; materiais; artistas; tipos de publicações xilográficas; finalidade da produção das imagens xilográficas; e temáticas das imagens xilográficas. A partir desses assuntos, elaborou-se uma estrutura que pudesse descrever cada elemento recuperado com suas devidas representatividades em relação ao fenômeno de estudo, no caso a xilogravura, para depois confrontá-las com a tábua das categorias de Aristóteles.

O presente estudo demonstra que, em relação específica a obras xilográficas, as referências são escassas, necessitando de maior aprofundamento teórico e metodológico que permita a sistematização de termos coerentes com esse tipo de recurso. Espera-se que possa atuar como um desencadeador para futuras pesquisas na área de Organização e Representação do Conhecimento voltando-se para as obras xilográficas. Aplicar estudos voltados a essa técnica permite compreender o valor do documento, o seu caráter social, cultural, histórico (o valor da informação imbricado no documento, pois são recursos que contêm uma mensagem a ser transmitida).

Percebe-se que o estabelecimento de categorias em documentos, como as xilogravuras, pode auxiliar na estruturação dos processos para a Organização do Conhecimento, visto que: “ categorização divide o mundo da experiência em grupos ou categorias nos quais os membros compartilham algumas similaridades perceptíveis dentro de um contexto” (JACOB, 2004, p. 518), ou seja, a comunidade de domínio determina as correlações significativas dos termos para determinar aspectos no seu ambiente social. Considera-se, então, que o estudo em voga pode trazer contribuições para a área de Organização do Conhecimento, abrindo e revendo perspectivas nos sistemas informacionais destinados a determinada comunidade e levando em consideração os conceitos que representem o ambiente real.

AS CATEGORIAS ARISTOTÉLICAS: DAS SUBSTÂNCIAS AOS PREDICADOS

A abordagem teórica referente às categorias remonta à Teoria Clássica, sendo originada por Platão nos discursos políticos da obra *A República*, que expõem as particularidades de um sistema para organizar e agrupar objetos com propriedades semelhantes, podendo ser constituídas com a presença ou ausência de determinada propriedade (CARVALHO; SOUZA, 2013). Assim, as categorias, como forma de classificar o conhecimento, são entendidas como uma concepção realista, sendo determinações da realidade que servem para compreendê-las. Essa noção foi chamada por Platão de “gêneros supremos”, distinguidos em ser, movimento, repouso, identidade e alteridade (ABBAGNANO, 2000).

De acordo com Anjos (2008, p. 90), as “[...] categorias, para Platão, são as ideias perfeitas das coisas, objetos ou fenômenos, em que a reunião de cada objeto concreto com outros da mesma ordem, com a mesma característica, participariam de uma ideia: um gênero supremo”. Em suma, as categorias são princípios que regem e ordenam o mundo. Para isso, Platão divide o conhecimento classificando-o em Física, Ética e Lógica (MONTEIRO; GIRALDES, 2008).

As categorias são definidas em nível de significação, como conceitua Xavier (2008, p. 59), ou seja: “[...] saber em que aspecto elas foram pensadas: ontológico, lógico ou linguístico-gramatical”. O nível ontológico trata do ser e das coisas existentes em si – a substância das coisas –, sendo este aspecto pensado por Aristóteles ao tratar das categorias. Na operação semântica, o estudo da linguagem e como se configura a estrutura de determinada língua são os impulsionadores e, por fim, o nível lógico relaciona-se às noções referidas aos termos (conceitos) que estabelecem uma relação entre sujeito e predicado (XAVIER, 2008).

De maneira mais geral, as categorias são modos de entender a ordem lógica que compõe as relações das proposições, sendo essas formadas por sujeitos e predicados, que precisam segmentá-las para a compreensão de cada categoria. Para se atribuir algo ao ser, é necessário predicar as coisas/entidades. Assim, os predicados são os atributos que se referem à entidade, mas não a definem, seja pela ausência ou presença deste atributo (XAVIER, 2008).

Nesse sentido, foi com Aristóteles que a divisão do conhecimento ganhou ampla estruturação como forma de organizar o mundo das coisas inteligíveis.

Produtor intelectual de um conjunto de tratados filosóficos, Aristóteles aprofunda o estudo que estabelece uma base lógica ao pensamento através do modelo de categorias, inserido na sua obra *Órganon*. São estudos de ordem lógica do pensamento do sujeito em relação ao mundo, os quais não se definem como uma ciência, mas servem como instrumentos para organizar o conhecimento.

Assim, Aristóteles (2010, p. 41) identificou dez categorias, divididas em primárias e secundárias. As categorias primárias, designadas como substância, são os próprios sujeitos nos quais as categorias secundárias existem (possuem inerência), ou seja, a substância determina a característica própria ao ser/objeto, portanto, todas as coisas possuem uma essência, é o que está no ser, o que a define como coisa, a sua identidade (XAVIER, 2008, p. 60).

Em relação às secundárias, essas se prendem às substâncias, delas dependem. São denominadas: quantidade; qualidade; relação; tempo; lugar; ação; paixão; estado ou condição; e posição.

As substâncias se distinguem entre primárias e secundárias. Para ser mais compreensivo, Aristóteles (2010) define Gêneros e Espécies como substâncias secundárias, que são aquelas inclusas nas substâncias primárias. Assim, todas as coisas, exceto as substâncias primárias, constituem a base de todas as coisas, por isso, não se pode predicar nada da substância primária, porque ela já é a “coisa em si”, é o indivíduo / sujeito (ARISTÓTELES, 2010).

As espécies estão mais próximas da substância primária do que o gênero, desta maneira, exemplifica Aristóteles (2010, p. 43): “Supõe que alguém te pergunta ‘O que é isso?’ relativamente a uma substância primária. Tua resposta será tanto mais instrutiva quanto mais apropriada ao sujeito, se mencionares sua espécie, do que se mencionares seu gênero”. Entende-se que espécie é mais substância que gênero, pois este se predica da espécie.

Essa distinção determina as propriedades lógicas de: **extensão**, compreendida como conjunto de objetos utilizados para designar algo; e **compreensão**, referente aos conjuntos de propriedades que caracterizam uma categoria. Portanto, quanto maior for a extensão, menor a compreensão, e, assim, quanto maior a compreensão, menor deve ser a extensão. Dessa maneira, como exemplificado no quadro 1:

Quadro 1 – Propriedades lógicas de extensão e compreensão

Gênero – extensão maior, compreensão menor;	●	Animal		
Espécie – extensão média e compreensão média;	●	●	Homem	
Indivíduo – extensão menor, compreensão maior.	●	●	●	Sócrates

Fonte: Elaborado pelas autoras, com base em Chauí (2014, p. 125).

A substância é a primeira categoria elencada por Aristóteles (2010), sendo as demais os predicados atribuídos a ela, assim denominados categorias secundárias, que são consideradas como acidentes, algo ou alguma coisa que se atribui à essência. De acordo com Chauí (2002), essas categorias fornecem propriedades à substância, e os substratos formam as características do ser. Uma essência pode possuir atributos de: quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, estado ou condição, ação e paixão (CHAUI, 2002). A categoria de Quantidade não possui contrários, seus termos são usados como absolutos e não admite gradações. Assim, está dividida entre contínuas ou discretas e posições relativas ou não relativas (ARISTÓTELES, 2010), conforme descritas a seguir:

Discreta: ao se considerar duas partes de algo percebe-se que não existe um limite comum ao qual possa uni-las, elas permanecem distintas. Exemplo disso é descrito por Aristóteles (2010) ao considerar as partes dos números ou as palavras/sílabas de um discurso, no qual não existe uma fronteira visível para distingui-las, porque cada parte é diferente das outras;

Contínua: são elementos que estão vinculados, é um todo e contínuo, “[...] as partes se reúnem numa fronteira comum” (ARISTÓTELES, 2010, p. 50);

Posições relativas: as partes constituintes devem estar distinguidas umas das outras, podendo identificar cada uma delas;

Posições não relativas: esta já não demonstra posições entre as partes.

A Qualidade é a categoria que determina a qualificação de alguma coisa na substância, ou seja, nas palavras de Aristóteles (2010, p. 60): “Entendo por qualidade aquilo em virtude do que as coisas são, de algum modo, qualificadas”. Assim, o autor complementa que a categoria qualidade pode ser constituída por dois aspectos: os estados, que são duradouros e estáveis, sendo pertencentes a esse “[...] as virtudes e todos os gêneros de conhecimento [...] pois, se admite que estas são difíceis de serem afastadas ou deslocadas” (ARISTÓTELES, 2010, p. 60), e as disposições, que são qualidades de fácil alteração, como as sensações de calor e frio.

Na Categoria de Relação, Aristóteles (2010, p. 54) indica que “Chamamos uma coisa de relativa quando desta se diz que é o que é por dependência de alguma outra coisa ou, se não, por estar relacionada a alguma coisa de alguma forma”, ou seja, termos que podem conter uma relação de contrários, como, por exemplo, maior ou menor, grande ou pequeno. Como demonstrado a seguir: “O tipo de existência das coisas pertencentes à categoria da relação, tais como ‘ser mais alto que’, ‘ser maior que’, ‘ser o dobro de’, depende da existência de pelo menos duas coisas que existem por si, ou seja, de duas substâncias” (ARANALDE, 2009, p. 93).

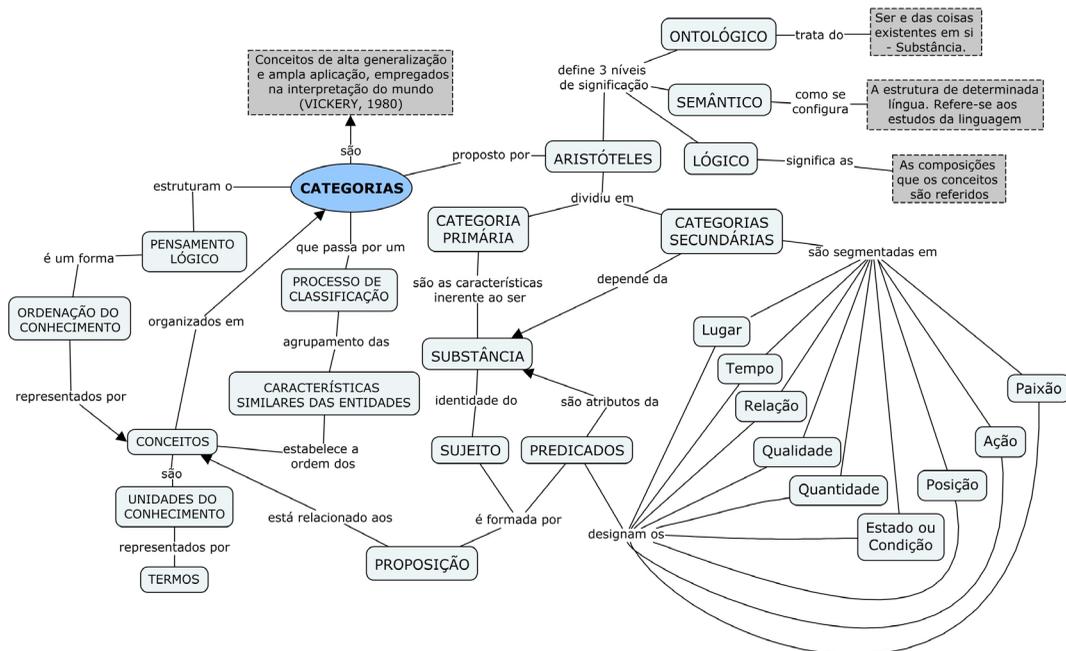
Para Aristóteles (2010, p. 67), as Categorias de Ação e Paixão admitem possibilidades contrárias e variações de graus, como: “[...] o aquecimento é o contrário do arrefecimento, como também o ser arrefecido o é do ser aquecido, ou, por outro lado, ser agrado é o contrário de ser desagradado”. A Categoria de Tempo pode-se dizer que é contínua, pois passado, presente e futuro estão vinculados.

Ao que se refere à categoria de Lugar, o filósofo ressalta que este é constituído por partes do espaço, sendo contínuo como o tempo. Acrescenta ainda que nas categorias relacionadas a estado, este “[...] é indicado por expressões tais como ‘estar calçado’, ‘armado’ e [expressões] similares, enquanto o espaço (lugar) é indicado por frases como ‘no Liceu’, etc.” (ARISTÓTELES, 2010, p. 67).

As categorias, na visão de Aristóteles, eram termos que pertenciam a determinado assunto, consideradas como elementos percebidos em uma estrutura da realidade (VICKERY, 1980). Porém, Barité (1999) atenta que para se categorizar determinado objeto, é preciso considerar a dinamicidade e complexidade do mesmo. Isso acaba impossibilitando uma análise universal, sendo preciso estabelecer recortes temporais e espaciais, delimitando, assim, as perspectivas a serem observadas em cada campo de domínio.

A realização da pesquisa referente às categorias e todo o processo que a envolve possibilitou a construção de um mapa conceitual (figura 1), ilustrando seus principais aspectos.

Figura 1 – Mapa conceitual: estrutura simplificada das categorias



Fonte: Adaptado pelas autoras com base em Aristóteles (2010) e Vickery (1980).

Assim, as categorias permitem estabelecer uma ordenação conceitual em que existe a possibilidade de classificar os elementos conforme suas semelhanças e diferenças, proporcionando uma organização do conhecimento. Por isso, são usadas como fundamentação para a Teoria da Classificação.

Pode-se entender que as categorias são usadas, por exemplo, como fundamento para estruturar a informação na esfera da Teoria da Classificação. Esse sistema de categorias tem importância para a área da Organização do Conhecimento devido ao agrupamento de conceitos referente a determinado ponto de vista que se pretende organizar, que deve estar de acordo com a tipologia da unidade de informação.

Nesse sentido, conforme Francelin (2011), um dos objetivos da Organização do Conhecimento é promover estudos teórico-metodológicos acerca da organização e representação de conceitos. Explica ainda ser uma tarefa árdua que requer competência do profissional da informação, devido à dificuldade de definir os conceitos de acordo com o ambiente social que está sendo empregado, podendo ocorrer um equívoco ao tentar dar significado ao termo o qual representa o conceito.

A Teoria do Conceito baseia-se em uma teoria lógico-analítica para compreender a natureza dos conceitos, e é utilizada como base para os estudos de conceitos na Organização do Conhecimento. No entender de Dahlberg (1978, p. 12), o conceito é “[...] a unidade de conhecimento que surge pela síntese dos predicados necessários relacionados com determinado objeto e que, por meio de sinais linguísticos, pode ser comunicado”. Sob o ponto de vista do *Guidelines for the construction, format, and management of monolingual controlled vocabularies*, o conceito é “uma unidade de pensamento, formado pela combinação mental de algumas ou todas as características de um objeto concreto ou abstrato, real ou imaginário” (ANSI/NISO Z39.19, 2005, p. 4, tradução nossa). Observa-se que Dahlberg (1978) descreve conceito como “unidade do conhecimento” por achar um termo mais apropriado do que “pensamento”, pois este remete a uma imprecisão.

A autora supracitada explica que a característica principal do conceito é descrever as propriedades de um objeto, ou a construção de enunciados que sejam lógicos e verdadeiros. Os objetos podem ser gerais (idealizado, construção mental) ou individual (real, pertence ao mundo). Também salienta que os enunciados são elementos que representam as características pertencentes ao conceito referente a um objeto específico, portanto, os elementos característicos dos conceitos resultam dos predicados e das propriedades do objeto, sendo as relações entre conceitos estipuladas entre formais, comparação das características e os materiais, que são o conteúdo das características. Assim, essas relações são descritas em cinco níveis: 1) Lógica: baseia-se na semelhança; 2) Hierárquica: organizada em gênero/espécie; 3) Partitivas: fundamentada no/na todo/parte; 4) Oposição: estabelecidas nas diferenças; 5) Funcionais: voltadas para os conceitos de processos (DAHLBERG, 1978).

Um documento apresenta assuntos específicos que, conforme Vickery (1980), são compostos por um complexo conjunto de conceitos. Esses, ao se inserir em um sistema de categorias, são agrupados de acordo com suas características semelhantes. Apontam Kobashi e Francelin (2011) que as categorias são “metaconceitos” – conceitos de alta generalização - que agrupam termos de um campo específico, possibilitando a formação de classes que se constituem em relações hierárquicas.

Ao relacionar os conceitos pertencentes a duas ou mais classes para formar o assunto do documento, constitui-se o processo de classificação, que permite estruturar o conhecimento estabelecido para representar determinado universo de domínio. Dessa maneira, a classificação está relacionada diretamente à organização do conhecimento, e é uma forma de categorizar e organizar determinada área, definindo a abrangência do objeto de estudo.

De acordo com Barité (1999), a conceituação de categorias fornecidas pela filosofia apenas serve como alicerce para a construção científica a respeito da aplicação na Teoria da Classificação.

O processo da classificação permite ordenar os conceitos em nível geral até o nível específico, portanto, considera-se a classificação como um processo já predeterminado no ser humano, pois tudo se classifica com a intenção de compreender e conhecer as coisas. Tem por objetivo reunir tudo que se assemelha e que está interligado e de separar o que apresenta diferenças.

Uma vez que o conhecimento é inerente ao ser, e este cria categorias para estabelecer relações, gera-se, assim, uma organização de conceitos. Por isso, percebe-se que as categorias são um importante processo de organização do conhecimento que serve como base de orientação para a construção de categorias aplicáveis às xilogravuras.

PROCESSO E TÉCNICA XILOGRÁFICA

A xilogravura surge de uma necessidade prática, como meio de atender a uma funcionalidade de comunicação, mediante processos de multiplicação de exemplares, e por agregar um custo mais acessível às classes populares. Transforma-se em uma forma de arte, deixando de ser apenas uma técnica utilitária, permitindo, nesse contexto, o desenvolvimento de uma linguagem de arte única, devido às peculiaridades que a envolvem.

Considerada como uma arte milenar, ocupou-se por muito tempo como ferramenta de impressão de textos e imagens durante a história. Tem como método a transferência de uma imagem gravada em uma matriz de madeira para outro tipo de suporte, ou seja, a madeira é esculpida e trabalhada manualmente pelo gravador, formando-se uma imagem para que seja impressa.

A xilogravura é um dos recursos que constituem o campo da gravura, que, segundo Liu (2013), contempla quatro tipos de processos técnicos de gravuras básicos: a entalhe; por permeação; em plano; e em relevo. A gravura a entalhe, representada pela calcografia, que tem sua especificidade de acordo com o modo de fazer, contempla processos químicos e mecânicos, que correspondem aos métodos de maneira negra e talho doce.

A **gravura por permeação** corresponde à técnica de serigrafia. A litografia, ou litogravura, refere-se à **gravura em plano**. E, por fim, a **gravura em relevo** divide-se em linogravura e xilogravura. No que concerne à xilogravura, esta possui técnicas “ao fio” e “de topo”.

No campo das técnicas de gravuras, os cortes são feitos nas matrizes que serão usadas para a impressão, por outro lado, existem gravações realizadas sem a utilização de uma matriz, sendo feitas diretamente no produto final, como é o caso da escultura, da cerâmica, entre outros. Mas a xilogravura, como é uma técnica da gravura em relevo, utiliza-se de uma matriz, que gera imagem para impressão em um suporte; e para que todo este método possa ocorrer, é preciso passar por etapas pertinentes para atingir o objetivo final.

O processo de gravação nas xilogravuras é o entalhe da matriz de madeira, que passa por etapas de corte da árvore (também se pode acrescentar a escolha da árvore), a preparação e lixamento da madeira para transformar em uma matriz, a elaboração da imagem a ser talhada, e o entalhe da matriz (COSTELLA, 1987).

Outro apontamento a ter destaque refere-se à gravura de interpretação, que se relaciona àquela em que o desenho a ser fixado é realizado por um artista e o entalhe é feito por outro, como ocorreu na Europa no período da Idade Média, em que as gravuras criadas eram realizadas por uma divisão de trabalhos, havendo o desenhista, o gravador e o impressor. Porém, na atualidade, tal prática está em desuso, pois o artista é quem faz todo o processo condizente à técnica xilográfica.

O processo de impressão é um método por meio do qual a matriz já gravada perpassa por ações para se obter a imagem impressa em um suporte, geralmente, em papel. Os processos de impressão com tinta podem ser: monocromáticos, com impressões de apenas uma cor; coloridos, em que se aplicam de duas ou mais cores no bloco entalhado.

As gravuras coloridas podem ser impressas empregando uma só matriz, como é o caso da técnica arco-íris, na qual aplicam-se variadas cores em partes distintas da matriz, ou pode-se usar várias pranchas de madeira utilizando-se uma cor para cada matriz entalhada, distinguidas em prancha mestra e pranchas múltiplas (COSTELLA, 1987).

A xilogravura em escalas de cores ocorre quando se aplica à matriz a cor mais clara, em seguida, volta-se a trabalhar na mesma placa para adicionar a cor mais escura, assim sucessivamente, até atingir a imagem desejada. Para isso, demarcam-se as gravuras indicando o ângulo em que o papel deve ser colocado; em japonês, essa expressão é nomeada *kentō*. A técnica xilográfica japonesa foi responsável pela inserção da aplicação de cores nas impressões. Assim, a partir das técnicas japonesas, existem denominações específicas: impressão monocromática - *Sumizuri-e*; impressão duas cores - *Benizuri-e*; e impressão com várias cores - *Nishiki-e* (SATŌ, 2007).

Quando a impressão de uma matriz não possui mais nitidez em sua imagem, ela é designada como placa cansada e, por isso, é inutilizada, não podendo mais ser impressa. Já em relação à matriz serrada, ela se constitui em serrar a matriz, gravada em partes que receberão uma cor diferente no momento da impressão, sendo reagrupados cada um dos pedaços para recompor a imagem (COSTELLA, 1987).

O processo de impressão também corresponde às etapas do modo de imprimir a imagem, ou seja, se usará uma prensa ou será impressa à mão. Terminando este procedimento, a estampa é colocada para a secagem. As provas de impressões são métodos em que os artistas, durante todo o processo, tiram provas para verificar os resultados das imagens; quando se atinge o resultado final, a multiplicação dessas gravuras é denominada tiragem. Existem nomenclaturas para especificar cada tipo de prova, sendo: edição; prova de estado (PE); prova final; prova raiada; provas de autor (PA); tiragem; *impressit* (IMP) (COSTELLA, 1987).

Os materiais utilizados na fabricação de uma xilogravura são identificados como materiais para decalque, que é a folha de carbono, a qual serve para transferir o desenho feito em um papel para a matriz; materiais para entintamento da matriz, a tinta tipográfica; materiais para produção da estampa; materiais para secagem. Além dos materiais, as xilogravuras usam instrumentos para sua fabricação, que são empregados desde os processos de gravação até os de impressão. Os instrumentos da técnica xilográfica são diferenciados entre instrumento de corte; instrumento de amolar; instrumento para entintamento; e instrumento para impressão (COSTELLA, 1987).

Após os processos de preparação da madeira e do entalhe, procede-se à parte de entintamento, em que se usam a espátula e o rolo para se aplicar a tinta na matriz; assim, o próximo passo é o processo de impressão. Caso for imprimir à mão, contempla-se como instrumento a colher ou a *baren* (ferramenta típica do Japão); se for realizar a impressão com a prensa, tem-se a de rosca ou de cilindro. Os instrumentos para impressão, como as prensas (cilindro e de rosca), podem ser subentendidos como elementos constituintes de equipamentos, por ora correspondem a este assunto – instrumentos (SATŌ, 2007).

As xilogravuras, de acordo com Costella (1984), apresentam-se como um meio de arte, ou para fim utilitário. Quando atende o aspecto de função utilitária, quer dizer que a xilogravura foi construída para atender a determinada finalidade, pois sua função é extremamente prática. Assim, quando ela corresponde ao meio de arte, ela emprega uma carga expressiva, a qual aponta características particulares e especiais que evidenciaram o seu valor estético.

As xilogravuras também se caracterizam pelos tipos de publicações, como as obras elaboradas, no Japão do século VIII, que são as impressões de orações budistas conhecidas como *sutra* xilográfica. Na Idade Média, especificamente na Europa, elas correspondem às xilogravuras sacras e às cartas de baralho (COSTELLA, 1987).

Outro tipo de publicação consiste nos livros xilográficos, em seus primeiros anos denominados *Incunábulo Xilográfico*. Destacam-se ainda as xilogravuras de revistas e jornais, em que as imagens eram impressas juntamente com os tipos móveis, além das xilogravuras populares brasileiras, originárias no Nordeste do país (FERREIRA, 1976).

Segundo Satō (2007), pode-se destacar, no Japão, as gravuras dos textos ou imagens budistas como forma de difusão do budismo, empregando-se o estilo linear e rudimentar também; usava-se o mesmo estilo nas gravuras primitivas chinesas, no século IX. Depois se modificou com o surgimento do movimento *ukiyo-e*, em que se adotou a xilografia por sua capacidade multiplicadora, desligando-se da gravura do livro; no primeiro momento, imprimia-se a linha desenhada, em sistema monocromático, após aprimorou-se a técnica com o sistema do colorido impresso.

No Brasil, identificaram-se dois estilos importantes, um remete à região Nordeste e o outro à região Sul do país. Em relação à xilogravura popular nordestina, prestou-se à ilustração dos folhetos de cordel, que se iniciou na década de 1920, por meio do entalhe de madeiras oriundas da região. Ao passo que no Sul brasileiro a arte estava comprometida com uma ideologia de esquerda, retratando o 'realismo social', estilo que foi empregado pelo Clube da gravura de Porto Alegre, na década de 1950.

As obras xilográficas manifestam-se em diferentes temáticas, contêm cenas da vida cotidiana das cidades e dos seus cidadãos, imagens de diversos lugares e suas paisagens, estampas da fauna e da flora. No caso do movimento *ukiyo-e*, muito se criava em relação às cenas eróticas de recreação, como as imagens de cortesãs e gueixas, das jovens e de atores. Outra temática que teve muita importância na propagação de imagem são as gravuras sacras, em que se destacam as xilogravuras de manifestações artísticas, com a sua crítica da realidade social. Já no Brasil, as imagens xilográficas com maior expressão artística estão relacionadas à literatura de cordel.

Identificar os gravadores considera-se de extrema importância, pois esses artistas criam obras com diferentes tipos de matrizes e técnicas precisas em suas incisões, explorando diversas tematicidades em suas gravuras. Os artistas são os responsáveis por criar as xilogravuras e, nesse processo, adaptaram aos seus estilos a arte da gravura ao longo do tempo, elevando o estado da xilogravura de primitiva técnica de impressão para um nível artístico. Cada artista contribuiu em sua época com as ilustrações xilográficas.

O que se pode entender é que essa técnica milenar possibilitou estabelecer uma comunicação socializada por intermédio do emprego das suas impressões de imagens e também enriqueceu o mundo artístico com suas formas de expressão. As notáveis xilogravuras exploram os costumes e tradições, a cultura e a realidade social, o regionalismo. Esse aspecto necessita de mais atenção na representação dessas imagens no contexto da Organização do Conhecimento

AS CATEGORIAS COMO FUNDAMENTO PARA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: OS ELEMENTOS CARACTERÍSTICOS DAS XILOGRAVURAS

A dimensão do levantamento teórico forneceu subsídios para realizar o processo de categorização dos elementos temáticos das obras xilográficas, com base na estruturação de Aristóteles. Deste modo, procede-se à esquematização das categorias e seus desdobramentos em relação aos assuntos e seus respectivos elementos caracterizadores, estabelecendo-se estipular a categoria primária, que trata da substância, e, na sequência, os acidentes, sendo aqueles denominados como as categorias secundárias, ou seja, os predicados atribuídos à categoria primária.

Conforme descrito por Hessen (1999), as substâncias existem em si, possuem independência e são permanentes; já os acidentes não existem por si só, mas sim, precisam estar ligados ao objeto, ou seja, à substância.

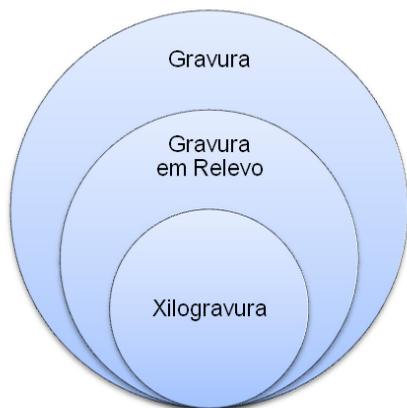
Assim, a identificação das categorias reportou-se à categoria primária: substância; e categorias secundárias: quantidade; qualidade; relação; tempo; lugar; ação; paixão; estado ou condição; e posição.

Na sequência, relacionam-se as categorias identificadas com o que foi exposto referente aos processos técnicos da gravura. Logo, procura-se esclarecer a substancialidade na xilogravura. Segundo Aristóteles (2010), quando se evidencia a essência de algo, indica-se uma substância, dividida em primária e secundárias. A substância primária trata da essência, o que define ser/objeto; já a substância secundária, dimensiona as questões do gênero e espécie.

Entre a relação de gênero e espécie, pode-se entender que o primeiro organiza a segunda, gênero abrange a espécie, e assim, o que se predica da espécie se predica do gênero, porém o contrário não ocorre. Portanto, entende-se, ao afirmar que xilogravura é gravura, que não se diz que gravura é xilogravura, pois gravura demonstra ser mais do que a xilogravura, porque ela obtém mais do que uma técnica de gravura.

Considerando a xilogravura como uma substância, independentemente da forma pela qual é transformada e modificada (como o tipo de madeira, os instrumentos usados para cavar, a quantidade de vezes que esta matriz é modificada, entre outros), ela continuará a conter a característica de independência e permanência conceitual, pois sua essência permanecerá como uma xilogravura. Aqui, verifica-se a substancialidade da xilogravura.

Figura 2 – Divisão da substância na xilogravura



Fonte: Elaborado pelas autoras.

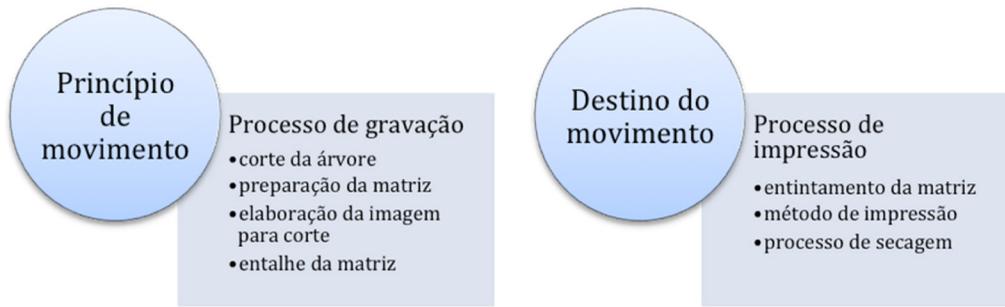
Conforme demonstrado na figura 2, obtém-se a dimensão lógica das xilogravuras, de extensão, que compreende o conjunto de objetos, e compreensão, o conjunto das características especificadoras dos objetos. Dessa maneira, interpreta-se que a gravura é uma extensão maior que engloba o conjunto de processos técnicos de impressão, portanto, remete-se a menor compreensão em relação às xilogravuras, as quais contêm uma compreensão genérica ante o objeto.

Contudo, se apontar a gravura em relevo, pode-se entender que ela possui características intermediárias entre o gênero e o objeto, sendo a extensão e a compreensão em nível médio. Já ao se dizer que a xilogravura possui uma extensão menor e se insere como uma técnica de gravura em relevo, o sentido de compreensão contém maior amplitude, pois apresenta os atributos que são inerentes a esse tipo de gravura e isso acaba por diferenciá-la das outras técnicas.

Para Aristóteles (2010), as categorias de ação e paixão são suscetíveis a ter contrários. Assim, no que diz respeito a essas categorias, identificou-se que os assuntos processo de gravação e de impressão e os seus respectivos elementos constituintes são entendidos como categoria accidental de ação e paixão. Porque a categoria ação exprime o início de um movimento da substância, remete a uma operação, e responde à questão: o que faz?

Quanto aos elementos entintamento da matriz, modo de impressão, processo de secagem, estes consideram-se como categoria da paixão, pois, conforme estipulado por Aristóteles (2010), a categoria da paixão corresponde a uma operação, ela demonstra o destino de um movimento, e responde à pergunta: do que sofre? Os processos de gravação e impressão são contrários um do outro, como apontado na figura 3.

Figura 3 – Os contrários dos processos de gravação e impressão



Fonte: Elaborado pelas autoras.

A categoria quantidade relaciona-se aos elementos provas de impressão, em razão de que a quantidade é inerente à substância primeira, vinculando-se em partes divisíveis e apresentando posições em referência umas às outras, como o caso da tiragem xilográfica, visto que possui posição relativa, exemplo: 1/50, 2/50,...50/50, porque cada uma dessas partes está situada de algum modo e pode ser distinguida por sua marcação, mantendo uma continuidade (ARISTÓTELES, 2010).

Enquanto isso, na categoria correspondente à qualidade, observa-se que a qualidade é “[...] aquilo em virtude do que as coisas são, de algum modo, qualificadas” (ARISTÓTELES, 2010, p. 60). Partindo-se da categoria fundamental da substância – xilogravura – verifica-se que ela produz diferença em sua técnica – ao fio e de topo – o que a consagra como uma categoria da qualidade, pois, ao se enunciar se é xilogravura ao fio ou xilogravura de topo, percebe-se que a xilogravura possui técnicas que a qualificam e não alteram a sua forma.

Igualmente, o assunto processo de impressão com tinta configura-se na categoria qualidade, isto porque, ao inserir uma cor, a substância fornece o aspecto que a qualificará. Afinal, se for imprimir uma gravura monocromática ou com várias cores, os procedimentos aplicados serão distintos uns dos outros, pois contêm o caráter determinante e diferenciador. Assim, pode-se dizer ‘é uma xilogravura colorida’ e, ao afirmar isso, questiona-se, conforme indicado por Aristóteles (2010), ‘como é?’. A resposta poderá ser: é uma xilogravura com duas ou várias cores.

Ao que foi exposto referente aos assuntos materiais e instrumentos, pode-se constatar que estes se configuram na categoria de relação, pois exprimem uma relação com o objeto. Nesse sentido, exemplifica Alves (2003): João é filho de Pedro, a expressão “é filho de” demonstra a relação existente entre João, que é o filho, e Pedro, que é o pai de João. Da mesma maneira, faz-se o enunciado: o formão é um instrumento da xilogravura, obtém-se a estrutura “é um instrumento de”, condicionado relativamente entre instrumento e xilogravura, logo, a mesma proposição pode corresponder ao assunto material. Para identificar as categorias de relação, uma das questões empregadas por Aristóteles (2010) pode ser: a que se refere? Assim, a resposta desdobra-se em ‘é um material da xilogravura’.

Configura-se, também, na categoria relativa ao assunto referente ao artista, porque o artista o é de alguma forma relacionado a alguma arte, assim, demonstra-se, Lívio Abramo é artista de xilogravuras, ou Pablo Picasso é artista de pintura e de gravura. O que foi exposto indica que a relação é explícita mediante a referência de algo (ARISTÓTELES, 2010).

Quanto à categoria de estado ou condição, basearam-se os elementos do assunto finalidade e tipo de produção das imagens, pois esta categoria indica uma circunstancialidade e está na intermediação entre duas coisas, não sendo nem ação nem paixão (ARISTÓTELES). Desse modo, a pergunta a ser feita corresponde a: em quais circunstâncias? Correlacionando ao assunto tratado, obtém-se: em quais circunstâncias foram criadas as xilogravuras?

A resposta a que se chega é que pode ser uma condição da funcionalidade prática ou poética da obra xilográfica, ou, questiona-se, do que se reveste essa gravura? Logo, condiz que envolve tipos de publicações.

Para Aristóteles (2010, p. 67), na categoria de posição “[...] esses termos obtêm seus nomes das posturas que a eles correspondem”. Neste caso, entende-se que é a posição que o tema tem diante da imagem gravada, referindo-se à disposição da tematicidade explorada nas xilogravuras.

Referindo-se ao assunto estilo, percebe-se que as gravuras se definem pelo modo como a técnica foi aplicada em determinado local e período de produção. Como dito antes, o local e o período de produção interferem no estilo aplicado à técnica.

Referente ao local e tempo, pergunta-se: onde foi produzida determinada xilogravura?. Tem-se como resposta ‘no Japão’. E complementa-se ‘quando ela foi produzida?’, será informado que é uma gravura do século XVIII. Então, se perceberá que as gravuras produzidas no Japão, entre o século XVII e o XIX, estiveram voltadas à manifestação artística da escola *ukiyo-e*. Assim, a categoria tempo corresponde a uma ordem relativa, em que uma parte antecede a outra, e consistem em partes contínuas como presente, passado e futuro (ARISTÓTELES, 2010).

Logo, o que foi exposto, até o momento, possibilitou a formulação de um quadro comparativo estabelecendo as características temáticas das xilogravuras estruturadas nas categorias aristotélicas de: substância; qualidade; quantidade; relação; ação; paixão; estado ou condição; posição; lugar; e tempo.

Quadro 2 – Arranjo categórico dos elementos característicos das xilogravuras

	Categorias Aristotélicas	Responde à pergunta	Assuntos Principais	Elementos característicos das Xilogravuras
Categoria Primária	Substância	O que é?	Técnica de Impressão	Xilogravura
Categorias Secundárias	Ação	O que faz?	Processo de Gravação	Corte da árvore
				Preparação da madeira
				Lixamento das matrizes
				Elaboração da imagem a ser talhada
	Estado ou condição	Em quais circunstâncias?	Finalidade da produção	Entalhe da matriz
				Função utilitária
			Tipos de xilogravura	Função poética
				Livros
	Lugar	Onde foi produzido?	Estilo de xilogravura	Cartas de baralho
				Gravuras soltas
	Paixão	Do que padece?	Processo de Impressão	Xilogravura japonesa
				Xilogravura popular brasileira
				Entintamento da matriz
Posição	Como está?	Temáticas das imagens xilográficas	Modo de impressão	
			Imagens do movimento Ukiyo-e	
			Imagens religiosas	
Qualidade	Como é?	Técnica de Impressão	Xilogravura popular nordestina	
			Processo de Impressão	
Relação	A que se refere?	Processo de Impressão	Xilogravura ao fio e de topo	
			Impressão com tinta	
		Instrumentos	Provas de impressão	
			Para lixamento da madeira	
			Para corte da matriz	
			Para afiar as ferramentas	
		Materiais	Para entintamento da matriz	
			Para imprimir	
			Matriz de madeira	
			Para decalque	
Para entintar a matriz				
Para reproduzir a estampa				
Artistas	Para secagem			
	Lívio Abramo			
Tempo	Quando foi produzido?	Estilo de xilogravura	Albrecht Dürer	
			Xilogravura do século VIII	

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Na filosofia aristotélica, as categorias são determinações pertencentes ao próprio ser/objeto, em que se configuram predicados que os caracterizam de acordo com o que lhes for semelhante e contrário. Assim, ao se criar uma estrutura categorial, ela é considerada a base fundamental de um sistema classificacional. As categorias são de modo lógico as diferentes formas de se atribuir alguma coisa a um ser/objeto, sendo distinguidos entre substância, aquilo que está no ser, e os acidentes, o que designa algo no ser.

Nesse sentido, Machado e Albuquerque (2016) explicam que explorar o amplo universo de acervos imagéticos consiste em levantar indagações e refletir sobre as formas de organização e representação desses documentos, para assim facilitar a determinação de conceitos expressos nesses documentos. Compreende-se também que a análise de obras com tantas peculiaridades necessita de atenção e estudos prévios, visto que a singularidade das técnicas, o público a que se destinam e as proposições dos autores permeiam todo o processo de entendimento que influenciarão diretamente no seu tratamento.

Diante da análise e categorização realizadas, ficou claro que existem possibilidades de aprofundamento teórico e metodológico que fundamentam todo o processo de Organização do Conhecimento em relação às xilogravuras, considerando que elas apresentam um nível de especificidade que necessita sempre ser observado de acordo com seu contexto. Assim, os caminhos percorridos até sua representação e disponibilização podem se mostrar mais seguros e consistentes quando observados, metodicamente, os conceitos e funções a que se atrelam.

Portanto, o processo de Organização do Conhecimento tem embasamento ao se estruturarem os conceitos de acordo com as características das xilogravuras. Para tanto, é preciso atenção às categorias que englobam esses conceitos para que haja uma classificação do saber de determinado grupo social e, assim, possibilitar aporte teórico para estabelecer uma análise categorial voltada à xilogravura, uma vez que essa técnica possui processos diferenciados das demais artes gráficas (linogravura; gravura em metal; litogravura; serigrafia), ao mesmo tempo que apresenta elementos semelhantes às demais gravuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sistema de categorização elaborado por Aristóteles ainda serve como modelo básico para o desenvolvimento de Sistemas de Organização do Conhecimento, portanto, delimitou-se estudar as categorias propostas por Aristóteles como método norteador em estabelecer o processo categórico para estruturar as características peculiares das obras xilográficas. Assim, utilizou-se uma terminologia padronizada como meio de indicar termos apropriados promovendo procedimentos de análise e sínteses das características principais dos documentos.

Ao se constatarem as categorias a partir de um domínio específico, percebe-se o alcance prático e instrutivo para criar uma estrutura que permite organizar o conhecimento. Cada aspecto característico resgatado das xilogravuras possibilitou, mediante as categorias de Aristóteles, verificar as diversificadas nuances que esse tipo de documento apresenta. De acordo com o que foi exposto, definiram-se os assuntos centrais que caracterizam as peculiaridades das xilogravuras e, com base nas categorias aristotélicas, relacionaram-se tais assuntos de acordo com o nível particular que cada categoria apresenta, ou seja, a cada categoria (substância, qualidade, quantidade, relação, ação, paixão, estado, posição, tempo, e local) analisada pôde-se relacionar um aspecto específico inerente à xilogravura, e, assim, demonstrar uma estrutura básica referente ao domínio xilográfico.

Logo, o tratamento documental dos recursos imagéticos tem por importância estabelecer termos que traduzam o assunto dos documentos que precisam de análises prévias devido às peculiaridades impostas em suas obras a fim de serem organizados e recuperados, mediante a enorme quantidade de informação que se insere numa unidade informacional, seja em biblioteca, arquivo ou museu. Portanto, a definição prévia da estrutura de categorias pode trazer um alicerce para construir instrumentos normativos, sistemáticos, em nível lógico para organizar o conhecimento, considerando-se que a abordagem aristotélica é especialmente importante na OC, pois a partir da categoria substância, tem influenciado diversas teorias que alicerçam a área.

Assim, abre-se caminho para futuras pesquisas que podem percorrer e aprofundar perspectivas voltadas à construção terminológica aplicada ao campo da gravura, pois, conforme foi percebido na descrição dos dados coletados, existem expressões diferentes empregadas para descrever o mesmo elemento. Além disso, é possível elaborar uma estruturação classificatória pensando-se na análise facetada, pois ela poderá analisar os vários aspectos do assunto e estabelecer relações conceituais entre eles.

Considera-se a importância de refletir sobre as questões teórico-metodológicas que se referem à tábua categórica de Aristóteles, além da construção de estruturas das categorias aplicadas aos sistemas de classificações, pois pode-se também revisitar e abrir outros olhares e discussões acerca de elementos de obras tão especiais como são as xilogravuras.

REFERÊNCIAS

- ALVES, A. C. *Lógica: pensamento formal e argumentação: elementos para o discurso jurídico*. 3. ed. São Paulo: Quartier Latin, 2003.
- ARANALDE, M. M. Reflexões sobre os sistemas categoriais de Aristóteles, Kant e Ranganathan. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 38, n. 1, p. 86-108, jan./abr. 2009.
- ARISTÓTELES. Categorias. In: ARISTÓTELES. *Órganon: categorias, tópicos, refutações sofísticas*. 2. ed. São Paulo: EDIPRO, 2010. (Série clássicos Edipro). Tradução de Edson Bini.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 3.ed. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2004.
- BARITÉ, M. La noción de “categoria” y sus implicancias en la construcción y evaluación de lenguajes documentales. In: *CONGRESO ISKO-ESPAÑA, EOCONSID*, 9, Granada. Representación y organización Del conocimiento em sus perspectivas: su influencia em la recuperación de la información, Facultad de Biblioteconomía y Documentación de la Universidad de Granada, p. 39-45, 1999. Disponível em: <http://www.iskoiberico.org/wp-content/uploads/2014/09/39-45_Barite-Roqueta.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2017.
- BRASCHER, M.; CAFÉ, L. Organização da informação ou organização do conhecimento. In: ENANCIB, 9, 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <[http://cmapublic.ihmc.us/rid=1KR7TM7S9-S3HDKP-5STP/BRASCHER%20CAF%C3%89\(2008\)-1835.pdf](http://cmapublic.ihmc.us/rid=1KR7TM7S9-S3HDKP-5STP/BRASCHER%20CAF%C3%89(2008)-1835.pdf)>. Acesso em: 8 jul. 2016.
- CERVANTES, B. M. N. *A construção de tesouros com a integração de procedimentos terminográficos*. 2009. 209 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.
- CHAUÍ, M. *Iniciação à filosofia: ensino médio*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2014.
- CHAUÍ, M. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. 2. ed. rev. ampl. e atual. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Cap. 5, p. 328-483.
- COSTELLA, A. *Introdução à gravura e história da xilografia*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 1984.
- COSTELLA, A. *Xilografia: manual prático*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 1987.
- FERREIRA, O. C. *Imagem e letra: introdução à bibliologia brasileira: a imagem gravada*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1976. 278 p.: il.
- HESSEN, J. *Teoria do conhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- JACOB, E. K. Classificação e categorização: uma diferença que faz diferença. *Library Trends*, v. 52, n. 3, p. 5115-540, 2004. Tradução Isadora Garrido 2011.

KOBASHI, N. Y.; FRANCELIN, M. M. Conceitos, categorias e organização do conhecimento. *Inf. Inf.*, Londrina, v. 16, n. 3, p. 1-24, jan./jun. 2011.

LIU, E. *Design gráfico: processo como forma*. São Paulo, 2013. 192f. il. Dissertação (Mestrado em Design e Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MACHADO, V. F.; ALBUQUERQUE, A. C. A representação temática da xilogravura: o processo de indexação da coleção Paulo Menten. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, v. 21, n. 3, p. 856-873, 2016.

SATŌ, M. Ukiyo-e: formación e historia. In: FAHR-BECKER, G. (Ed.). *Grabados japoneses*. Tradução de Carmen Sánchez-Rodríguez. Köln: Taschen, 2007. Cap. 1, p. 7-22.

VICKERY, B. C. *Classificação e indexação nas ciências*. Rio de Janeiro: BNG/BRASILART, 1980. Tradução de Maria Christina Girão Pirolla.

XAVIER, B. R. As categorias de Aristóteles e o conhecimento científico. *Pensar*, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 57-64, jan./jun. 2008.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão da bolsa durante o período de realização do Mestrado Acadêmico no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (PPGCI UEL).